

PROCESSAMENTO NEUROCOGNITIVO DA LINGUAGEM E A REPRESENTAÇÃO DA CORPOREIDADE DAS LÍNGUAS DE SINAIS.

Veras, N.C.O¹, Ulbricht, V.R², Vanzin, T.²

¹Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil (nanciveras@gmail.com)

²Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil (vrulbricht@gmail.com)

³Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil (tvanzin@gmail.com)

Resumo: Esta pesquisa explora a representação da corporeidade nas línguas de sinais sob a ótica de Austin (1962) e Searle (1969). Defende-se que o corpo realiza atos de fala performativos e sociais. A neurociência indica que o processamento dessas línguas integra percepção visual e esquemas motores no desenvolvimento cognitivo. O objetivo é investigar como a corporeidade em língua de sinais impacta o processamento neurocognitivo da linguagem e a percepção social do surdo.

Palavras-chave: Comunicação e linguagem; corporeidade e neurociência; língua de sinais e atos de fala; intencionalidade e atos de fala.

INTRODUÇÃO

1. LINGUAGEM

A linguagem é um dos elementos centrais da experiência humana, pois possibilita a comunicação, a transmissão do conhecimento e a estruturação da realidade social. John Austin (1962), ao desenvolver a Teoria dos Atos de Fala, argumenta que a linguagem não se restringe à mera descrição do mundo, mas possui um caráter performativo, no qual proferir uma enunciação equivale a realizar uma ação. Assim, a comunicação não se dá apenas pela transmissão de informações, mas também pela capacidade de transformar e moldar as relações interpessoais e sociais. (Jing, 2025, p. 33, 34, 35)

Seguindo essa linha, John Searle (1969) aprofunda a discussão ao enfatizar que a linguagem é uma prática institucionalizada, na qual os significados são compartilhados por meio de regras sociais. A construção da comunicação depende de convenções, mas também de elementos não verbais, como gestos e expressões corporais, fundamentais para dar sentido aos atos de fala. Esse aspecto é particularmente relevante ao analisarmos a corporeidade nas línguas de sinais, onde a expressão do significado está intrinsecamente ligada aos movimentos do corpo e ao espaço visual. (Jing, 2025, p. 36)

A linguagem opera em diferentes níveis de interação, que conforme Austin (1962) todo enunciado pode ser analisado em três dimensões: o ato locucionário (o que é dito), o ato ilocucionário (a intenção do falante ao dizer algo) e o ato perlocucionário (o efeito da fala sobre o interlocutor). No contexto das línguas de sinais, essa performatividade é indissociável da corporeidade e daquilo que é dito pela pessoa surda

cujos processo comunicativo se manifesta pela linguagem visual-espacial. (ANJOS, FLORÊNCIO, 2025)

Quando aplicamos essa perspectiva à comunicação gestual, percebemos que a corporeidade desempenha um papel essencial no processo de produção e interpretação da intencionalidade. A maneira como um sinal é realizado em uma língua de sinais não apenas representa um conceito, mas também pode indicar intenções e provocar reações específicas no interlocutor diante dos significados que emergirem, pois o corpo manifesta emoções, expressa reações, sente e comunica. Através dele, cada indivíduo se configura e se reinventa ao longo da vida. A corporeidade é única, pertencente a cada indivíduo, refletindo seus percursos e experiências. O seu existir no mundo, que na medida que essas vivências acontecem, expõem o corpo e a identidade dos grupos em suas culturas. Essa influência abrange o modo de existir do sujeito em suas diversas dimensões. (Santos, F.S. 2023, p.12)

Outrossim, Searle (1969), destaca a importância dos atos ilocucionários, nos quais a linguagem possibilita contatos com realidades sociais diversas e estabelece significados compartilhados. Princípio esse que pode ser observado no uso das línguas de sinais, que não se limitam a substituir palavras faladas por gestos, mas constituem um sistema linguístico completo, capaz de expressar abstrações, emoções e intenções. Assim, a corporeidade na linguagem não é apenas um meio alternativo de comunicação, mas um elemento estruturante da interação social e do próprio pensamento. (Stokoe, 1969) (Veras, 2023)

Outro ponto relevante é a questão entre a corporeidade e a intencionalidade na linguagem. Para Searle (1969), a intencionalidade é uma característica efetiva da



consciência humana e se manifesta na linguagem por meio da forma como os indivíduos atribuem significado às palavras. Nas línguas de sinais, a intencionalidade pode ser expressa por variações no movimento das mãos, na expressão facial e na direção do olhar, demonstrando que a comunicação ultrapassa do nível verbal e inclui uma dimensão corporais física e interativa.

Portanto, a corporeidade na linguagem, especialmente nas línguas de sinais, reforça a ideia de que a comunicação não se restringe à oralidade ou à escrita, mas envolve um conjunto complexo de gestos, expressões e intencionalidades. A partir das teorias de Austin (1962) e Searle (1969), compreendemos que a linguagem não é apenas um meio de representação da realidade, mas uma ferramenta ativa na construção do mundo social. Assim, estudar a corporeidade na perspectiva da linguagem nos permite ampliar nossa visão sobre os processos comunicativos e reconhecer a riqueza dos diferentes sistemas linguísticos utilizados pelos vários grupos humanos.

2. AS LÍNGUAS DE SINAIS E A COMUNICAÇÃO

A comunicação humana se caracteriza pela utilização de diversas modalidades sensoriais, cada uma desempenhando um papel fundamental na construção dos significados e na interação social. A língua de sinais é um exemplo notável de como a comunicação pode ser estruturada por meio de canais alternativos, sendo predominantemente visuo-gestual. Isso significa que, ao invés de depender do sistema auditivo, como nas línguas orais, a língua de sinais utiliza o corpo, os gestos, as expressões faciais e os movimentos espaciais como principais veículos de expressão. Esse sistema permite as pessoas surdas se comunicar de maneira eficaz, mas também moldar suas experiências e suas identidades dentro de uma cultura que valoriza o uso da corporeidade como uma ferramenta primordial de interação. (2023)

Ao considerarmos a experiência de uma pessoa surda extrapolar a concepção tradicional de ausência auditiva. A deficiência auditiva não implica uma ausência total de experiência sensorial; pelo contrário, o surdo é capaz de perceber e interagir com o mundo ao seu redor de maneira rica e intensa, mas através de canais diferentes dos utilizados pelas pessoas ouvintes. A neuroplasticidade, fenômeno que descreve a capacidade do cérebro de reorganizar suas conexões em resposta a estímulos, desempenha um papel crucial nesse processo. A neuroplasticidade permite que as pessoas surdas, ao invés de dependerem do sistema auditivo para processar informações, desenvolvam e aprimorem sua percepção visual, utilizando o sistema visuo-gestual como principal forma de captar e transmitir informações. (ANJOS, FLORÊNCIO, 2025)

Austin (1962) contribui para essa discussão ao enfatizar o papel dos atos de fala e como as expressões linguísticas não são apenas enunciados descritivos, mas ações que realizam algo no mundo. Para Austin, os atos de fala podem ser performativos, ou seja, não se limitam a afirmar ou relatar algo, mas causam efeitos no mundo ao serem expressos. No contexto das línguas de sinais, os gestos os sinais não são apenas representações de objetos ou ideias, mas atuam no mundo, transformando a percepção e a interação dos indivíduos com seu ambiente e com os outros. Isso implica que, ao contrário das línguas orais, que se valem do canal oral-auditivo, as línguas de sinais emergem como um sistema linguístico distinto.

Searle (1969) em suas discussões sobre os atos de fala e a natureza da linguagem, enfatiza que a comunicação é um processo primeiramente performativo, no qual os significados são gerados por meio de ações comunicativas que envolvem o corpo. Assim, as línguas de sinais, ao recorrerem à corporeidade, não são apenas meios de expressão, mas atos de comunicação que vão além da mera troca de informações, pois também configuram a identidade das pessoas surdas e sua inserção no mundo social. Dessa forma, a língua de sinais se distancia da visão tradicional de linguagem como um simples conjunto de símbolos arbitrários e revela-se como uma prática social profundamente conectada ao corpo e à experiência sensorial do indivíduo.

Embora Austin (1962) e Searle (1969), não tenham abrangido as línguas de sinais no seu campo de pesquisa, quando nos remetemos a intencionalidade no contexto em línguas de sinais, a teoria dos atos de se torna um elemento central para entender como a língua de sinais opera. A intenção dos sinais feitos por uma pessoa surda não é apenas o comunicar de um pensamento, mas também estabelece uma ação no mundo, seja ela uma solicitação, uma afirmação ou uma expressão emocional. Assim, a corporeidade nas línguas de sinais facilita a transmissão de informações, mas também é uma ferramenta performativa que reflete as intenções e a subjetividade daquele comunica.

A corporeidade nas línguas de sinais vai além a dimensão de suporte biológico, consolidando-se como parte de conexão da produção de sentido. O corpo atua como uma ferramenta performativa de alta concisão, capaz de projetar no espaço a disposição das intenções e a subjetividade inerente ao ato comunicativo.

Ao fundamentar-se nas teorias de Austin (1962) e Searle (1969), Veras (2023) ressalta que as línguas de sinais são a consolidação do fazer através do dizer. Cada movimento facial e extensão corporal funciona como uma âncora fenomenológica, onde o sentido não é apenas lido, mas vivenciado socialmente.



Portanto, a performance da pessoa surda permite que a língua se mantenha em movimento, viva em seu uso, pois, a corporeidade possibilita que o sinal dê ao movimento a ênfase do que é dito, onde a intencionalidade define o sentido da comunicação.

Assim, ao focarmos na língua de sinais como uma forma legítima e rica de comunicação, somos convidados a repensar a própria concepção de linguagem, reconhecendo a sua pluralidade e a capacidade do ser humano de criar novas formas de expressão a partir das suas capacidades sensoriais. Os sentidos, o movimento e os gestos tornam-se, nesse contexto, não apenas canais alternativos, mas igualmente poderosos e fundamentais para a constituição de uma língua capaz de expressar a complexidade do pensamento humano. A incorporação da corporeidade e da intencionalidade dos atos de fala demonstram a língua de sinais como uma forma de comunicação não apenas eficaz, mas efetiva para a constituição da identidade e da interação social das pessoas surdas. (STROBEL, 2008)

3. IDEOGRAMAS E A LÍNGUA DOS SINAIS: INTENCIONALIDADE E NEUROCIÊNCIA

A introdução de ideogramas nas línguas de sinais representa uma tentativa de transcrição gráfica que vai além de uma simples representação dos gestos. Ela busca integrar os princípios semânticos, sintáticos e pragmáticos das línguas de sinais, considerando as finalidades comunicativas e o público-alvo das mensagens. Para além de ser apenas uma transcrição de movimentos, os sistemas de ideogramas nas línguas de sinais funcionam como uma ferramenta dinâmica de construção de sentido, refletindo também nas línguas de sinais o caráter performativo da linguagem, conforme abordado nas teorias de Austin e Searle, quando se referem as línguas orais.

Austin (1962) argumenta que a linguagem não é apenas um meio de representação, mas uma ação que tem o poder de transformar o mundo. Searle (1969) amplia essa perspectiva ao afirmar que os atos de fala são influenciados por intenções e contextos específicos. Ampliando para o contexto das línguas de sinais, os gestos não são apenas símbolos, mas atos performativos que realizam ações como afirmar, questionar ou prometer. Nos sistemas de ideogramas das línguas de sinais, isso significa que a escrita de um gesto não se limita a representar um conceito de maneira estática, mas captura a intencionalidade do falante e a interação social em que o gesto é realizado. Dessa forma, a corporeidade nas línguas de sinais ultrapassa a execução motora, constitui-se como um elemento central para explicitar a linguagem no contexto da cognição e o uso das línguas de sinais. Ao unir a intencionalidade delineada por Searle à performance de Austin, percebe-se que o corpo do

sinalizante edifica a realidade social do indivíduo surdo e sua expressão faz parte da comunicação e de seu modo de dizer de si no mundo. Essa integração entre movimento, visão, percepção e contexto reafirma que o processamento da linguagem sinalizada é um fenômeno complexo, onde a ação física é indissociável da produção de sentido, do significado e do desenvolvimento cognitivo.

(VERAS, 2023) comenta que os atos de fala nas línguas de sinais não residem apenas na escolha lexical, mas estão contidos também na gramática do corpo. Destaca que o utente não apenas usa a língua, mas realiza a performance, a intencionalidade mencionada por Searle (1969), que é traduzida como uma manifestação visível onde a face, o tronco, os braços, pernas e pés do sujeito dão a força e direcionam o sentido do sinal. Assim, a escrita desses gestos (ideogramas) deve dar conta não apenas da forma da mão, mas da carga performativa que o corpo carrega no momento da interação social, permitindo a constituição de sentidos que interligam diferentes grupos e linguagens que se conectam.

No que se refere as línguas de sinais é preciso considerar que o uso da língua possibilita que valores, crenças, símbolos, modos de agir e de pensar se manifestem e se consolidem no campo social das pessoas surdas e em singularidade da experiência surda. Austin (1962) Veras (2023)

Do ponto de vista da neurociência, a corporeidade nas línguas de sinais desempenha um papel primordial no processamento neurocognitivo para aquisição da linguagem e formação de conceitos. Esse processamento sugere que a neuroplasticidade desempenha um papel importante na adaptação do cérebro das pessoas surdas, permitindo que elas processem informações e comuniquem-se de forma eficiente usando a língua de sinais. As descobertas neurocientíficas indicam que, ao contrário das línguas orais, que dependem do canal auditivo, as línguas de sinais mobilizam circuitos neurais que facilitam a percepção e a produção de sinais, reforçando a ideia de que a linguagem é moldada pela interação entre o corpo e o cérebro. (ANJOS, FLORÊNCIO, 2025)

Portanto, os ideogramas nas línguas de sinais não se limitam à simples transcrição de gestos, mas representam uma parte integrante de um sistema linguístico complexo que envolve ações performativas, intencionalidade e a conexão com a experiência sensorial e motora. A contribuição das teorias de Austin e Searle, combinada com as descobertas da neurociência, oferece uma visão mais abrangente sobre as línguas de sinais, considerando-as como fenômenos linguísticos e cognitivos que conectam a comunicação e a identidade das pessoas surdas.



MATERIAL E MÉTODOS

Esta pesquisa se constrói pela natureza exploratória e bibliográfica. O percurso investigativo visa a união do gesto ao pensamento.

Adota-se a perspectiva da Cognição Incorporada (Embodied Cognition), fundamentada por Lakoff e Johnson (1999), que entende-se que o pensamento é moldado pelas nossas experiências sensoriais e motoras. Sob essa ótica, a metodologia busca mapear como as línguas de sinais utilizam o espaço e o movimento como alicerces da significação.

Para a análise do viés neurocientífico, utiliza-se o aporte de Damásio (2000) e Rizzolatti (2006) (teoria dos neurônios-espelho). Essas referências atuam como uma ponte sensorial, permitindo investigar como o cérebro "lê" o movimento do outro como se fosse o seu próprio, transformando a percepção visual em uma harmonia motora de compreensão. O estudo, portanto, tece uma rede entre a observação fenomenológica e os padrões de ativação neural, tratando a corporeidade como o ponto principal. Sob essa ótica, a metodologia busca mapear como as línguas de sinais utilizam o espaço e o movimento como alicerces da sua significação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo sobre a representação da linguagem e a corporalidade na língua de sinais permitiu uma análise do processo de representação e encadeamento de conceitos por meio de sinais corporais e ideogramas. A língua de sinais emprega representações manuais para letras e números, mas sua riqueza expressiva vai muito além desse aspecto. Uma de suas características mais marcantes reside no uso de um amplo repertório de sinais corporais estabelecendo uma forte conexão entre o gesto e o significado.

A corporeidade em língua de sinais é um elemento essencial na construção do sentido, pois envolve não apenas as mãos, mas também expressões faciais, movimentos do tronco, membros e a direção do olhar. Esses componentes trabalham em conjunto para enriquecer a comunicação, conferindo nuances emocionais, gramaticais e contextuais aos sinais. Dessa forma, o corpo torna-se o próprio veículo da linguagem, onde cada gesto é carregado de intencionalidade e significado.

Essa dimensão corporal da língua de sinais aproxima-se do conceito de corporeidade estudado em diversas áreas, como a filosofia, a linguística e a educação, que reconhecem o corpo não apenas como um meio de comunicação, mas como um elemento central na construção do conhecimento e das interações humanas. Cujo movimento e espacialidade

desempenham papéis nas línguas de sinais e não são apenas representações abstratas, mas manifestações concretas de experiências vividas.

Assim, a língua de sinais ultrapassa a comunicação verbal, aproximando-se de formas artísticas e expressivas, como a dança e o teatro, onde o corpo é utilizado de maneira integral para transmitir significados. O que possibilita compreender a língua de sinais enquanto idioma visual-espacial, mas também campo abundante para o estudo das conexões entre linguagem, intencionalidade e corporeidade.

Neste cenário, podemos argumentar que a linguagem, como um entrelace que permite a comunicação humana, se constitui por meio de uma diversidade de estratégias que possibilitam ao ser humano viver de forma coletiva. Ao perceber o outro, o ser humano nomeia através da linguagem aquilo que observa e vivencia. O que é realizado pelas pessoas surdas através de sinais faciais, corporais, sejam eles icônicos ou arbitrários. O foco desta pesquisa incide, portanto, sobre a comunicação em língua de sinais e a transmissão de significados.

Embora a iconicidade esteja presente nas línguas naturais, como nas línguas orais, vale destacar que o estudo das representações icônicas e dos ideogramas é mais aprofundado nas línguas escritas de culturas como a japonesa, chinesa e egípcia, que datam da antiguidade. (Peirce, 2005) Por outro lado, o estudo das línguas de sinais é mais recente, com uma ênfase significativa a partir do século XX, especialmente com as pesquisas pioneiras de William Stokoe (1960), nos Estados Unidos, que ajudaram a solidificar a língua de sinais como uma língua legítima e estruturalmente complexa.

No Brasil, as pesquisas sobre as línguas de sinais se expandiram nas décadas de 1980 e 1990, com um crescente interesse pela escrita dos sinais. Essa expansão, no entanto, não foi acompanhada por um reconhecimento completo da língua de sinais como uma ferramenta central no processo educacional e na formação identitária dos surdos. Isso pode ter contribuído para uma separação entre o desenvolvimento educacional das pessoas surdas e o uso da língua de sinais, dificultando a integração social e afetando o avanço sociolinguístico da pessoa surda. O distanciamento entre as línguas orais e as línguas de sinais no campo científico e social pode ser um fator importante para entender como diferentes coletivos interpretam e interferem nas línguas de sinais, muitas vezes de maneira equivocada ou limitada. (PERLIN; STROBEL, 2014)

Essa questão do distanciamento também é evidenciada pela análise das teorias de Austin (1962) e Searle (1969) sobre os atos de fala. Austin, em sua teoria dos atos de fala, propõe que a linguagem não é meramente representacional, mas uma prática performativa. Os



gestos em língua de sinais não são apenas representações de conceitos ou objetos, mas ações que realizam algo no mundo social, como afirmar, pedir ou prometer. Searle (1969) complementa a teoria de Austin ao enfatizar a importância da intencionalidade e do contexto para a realização desses atos de fala. Veras, (2023) amplia a discussão referente os atos de fala e as línguas de sinais, pois os sinais corporais podem ser vistos como atos de fala que têm um impacto direto na percepção social e na construção da identidade das pessoas surdas. A interação entre os atos de fala e a língua de sinais nos permite compreender como essas línguas são vividas e interpretadas no cotidiano das pessoas surdas.

O distanciamento temporal entre os estudos das línguas orais e das línguas de sinais levanta uma questão importante: por que uma língua, muitas vezes, pode ser interpretada cientificamente e socialmente de forma tão distinta das outras? Esta diferença na interpretação pode ser atribuída, em parte, à perspectiva histórica e social que marginalizou as línguas de sinais, tratando-as muitas vezes como um sistema de comunicação inferior e de um grupo específico. Essa perspectiva precisa ser repensada à luz dos avanços recentes nas neurociências e na linguística, que mostram a riqueza e a complexidade das línguas de sinais, bem como sua capacidade de expressar conceitos, emoções, significados e demais componentes linguísticos de maneira integral e eficaz. (STROBEL, 2008).

A pesquisa sugere que a língua de sinais, ao contrário de ser uma forma marginalizada de comunicação, é uma prática social rica e complexa, que envolve tanto os aspectos icônicos e pragmáticos da comunicação enquanto os atos de fala performativos. O estudo das línguas de sinais deve, portanto, ser abordado com um entendimento mais profundo de sua natureza linguística e cognitiva, levando em consideração a intencionalidade e o contexto dos atos de fala, como proposto por Austin (1962) e Searle (1969), e reconhecendo o impacto da neurociência no entendimento de como essas línguas são processadas no campo neurocognitivo, cuja arquitetura linguística desafia as dicotomias tradicionais entre som e sentido.

Os resultados reiteram que a corporeidade nas línguas de sinais não cumpre apenas uma função descritiva; ela dá sentidos aos atos de fala de forma ampla. Expandindo o postulado por Austin (1962), para as línguas de sinais, elas não se limitam a dizer algo, ela constitui o fazer algo. Na língua visual-espacial, a força ilocucionária, ou seja, a intenção contida no sinal é definida pela intensidade do movimento, pela marcação não manual (expressão facial e corporal) e intencionalidade que pode confirmar ou não aquilo que é dito.

Nesse sentido, expandindo o proposto pela teoria dos atos de fala Searle (1969) para as línguas de sinais, um sinal para prometer ou ordenar só atinge sua eficácia performativa quando o corpo do sinalizante de forma integral realiza os atos de fala com suas expressões faciais e corporais que validam aquilo que é dito. Portanto, os atos de fala na língua de sinais não são meras traduções de modalidades orais, mas sim manifestações de suas subjetividades, onde o corpo inscreve a ação projetada.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar de que forma a corporeidade em língua de sinais impacta o processamento neurocognitivo da linguagem e a percepção social da pessoa surda, destacando as implicações cognitivas e de aprendizagem dessa modalidade comunicativa.

Ao cogitarmos sobre a comunicação humana, percebemos que a necessidade de expressar nossas percepções, sentimentos e pensamentos para o outro tem sido uma característica fundamental desde os tempos primitivos, levando-nos a registrar e manifestar nossas experiências no mundo por meio da linguagem. Nesse processo, é crucial destacar que as línguas de sinais, assim como as línguas orais, compartilham tanto características arbitrárias quanto icônicas. As línguas de sinais se formam e se expressam conforme o contexto sociolinguístico dos grupos humanos em que estão inseridas, refletindo as emoções, percepções e experiências dos utentes. Essas linguagens não são apenas uma forma de comunicação, mas um meio pelo qual os indivíduos surdos constroem sua identidade e sua percepção de mundo. Como discutido por Austin (1962) e Searle (1969), a linguagem é mais do que um simples veículo de transmissão de informações; ela é uma prática performativa, e os atos de fala realizados por meio dos sinais não são meras representações de objetos ou ideias, mas ações que impactam o mundo social, comunicativo e o modo de ser no mundo.

Ainda sobre a importância da comunicação performativa, Austin (1962) argumentou que a linguagem deve ser vista como uma ação, onde as palavras e os gestos possuem o poder de realizar algo no mundo, como um pedido, uma afirmação ou uma promessa. Esse conceito é ampliado por Searle, que sublinha a relevância da intenção do falante e do contexto em que os atos de fala se realizam. No caso das línguas de sinais, isso implica que os sinais não são apenas formas de representar ideias, mas atos performativos que envolvem o corpo, a identidade e a experiência da pessoa surda. Portanto, a comunicação por sinais corporais é uma expressão autêntica e legítima de intenção e significado.



Outro ponto relevante desta pesquisa é a ponderação sobre o estudo tardio das línguas de sinais em comparação com as línguas orais, como as que utilizam ideogramas, como o chinês e o japonês, que têm sido amplamente estudadas desde a antiguidade. Essa disparidade temporal pode ter consequências significativas na forma como a sociedade compreende e valoriza as línguas de sinais, principalmente no contexto educacional. As pessoas surdas, ao longo da história, foram muitas vezes marginalizadas e suas línguas, subestimadas. Esse quadro precisa ser reconsiderado à luz das teorias de Austin e Searle, que destacam o caráter performativo da linguagem, o que nos convida a reconhecer as línguas de sinais como sistemas completos e dinâmicos de comunicação.

A pesquisa também enfatizou as implicações do estudo tardio das línguas de sinais, tanto para a compreensão social das pessoas surdas quanto para o seu desenvolvimento educacional. O fato de que essas línguas ainda estão em fase de reconhecimento e sistematização no campo acadêmico e científico impede que muitas pessoas surdas acessem uma educação plena, comprometendo seu desenvolvimento sociolinguístico e social. Ao mesmo tempo, essa limitação de reconhecimento reflete um distanciamento entre as línguas orais e as línguas de sinais, que, ao serem tratadas de forma distinta, impactam diretamente a vida das pessoas surdas.

Por fim, esta pesquisa busca contribuir para o avanço dos estudos relacionados à descrição das línguas de sinais, às suas implicações linguísticas e cognitivas para as pessoas surdas, e à exploração da iconicidade como um dispositivo essencial para entender a construção do significado nessas línguas. As contribuições de Austin e Searle, ao enfatizarem a performatividade dos atos de fala e a importância da intencionalidade na comunicação, ampliam nosso entendimento sobre o papel da língua de sinais no desenvolvimento da identidade surda e na dinâmica social mais ampla.

A partir desse estudo espera-se que esta pesquisa ofereça subsídios para novos estudos que aprofundem a compreensão das línguas de sinais e suas implicações para a educação, a comunicação e o desenvolvimento sociolinguístico das pessoas surdas. Ao reconhecer a língua de sinais como uma linguagem legítima e rica, podemos ampliar a perspectiva para uma sociedade mais inclusiva e acessível com diversidade linguística e plural.

AGRADECIMENTOS

A CAPES, a Universidade Federal de Santa Catarina, ao LAMID/EGC, pesquisadores e pessoas surdas que contribuíram com esta pesquisa.

REFERÊNCIAS:

- ANJOS J., FLORÊNCIO, C. E. C. A neuroplasticidade e seus efeitos sobre a aprendizagem da Libras por surdos congênitos. *Revista FT: Linguística, Letras e Artes*, v. 29, n. 144, 2025.
- ANJOS, M.; BENAYON. Inteligência Artificial e Direito: Desafios e Perspectivas. 2024. p. 344-345.
- AUSTIN, J. L. *How to Do Things with Words*. Oxford: Clarendon Press, 1962.
- JING, L. (2025). The Beauty of Ambiguity: Architecture and the New Social Fabric. Publisher Name. pp. 33-36.
- PEIRCE, C. S.. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 54, p. 19-38, out./dez. 2014.
- SANTOS, F. S. *Educação e Tecnologias: Reflexões sobre o Saber Digital*. São Paulo: Editora Acadêmica, 2023. p. 12.
- SEARLE, J.R. *Speech Acts: An Essay in the Philosophy of Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.
- STOKOE, W. C. *Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf*. Buffalo: University of Buffalo, 1960.
- STROBEL, K. *As Imagens do Outro sobre a Surdez*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.
- VERAS, N.C.O. *Os atos da fala e a comunicação da intencionalidade no uso de metáforas na interpretação da língua de sinais – libras, Engenharia, Mídia e Gestão e Conhecimento*. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023